



HS120-Q – TÓPICOS ESPECIAIS EM ANTROPOLOGIA II

ESTUDOS SOBRE ECONOMIA MORAL: ESTADO E ÉTICA

**PROFA. SUSANA SOARES BRANCO DURÃO
PROFA. MARIA CONCEIÇÃO DA COSTA**

1º SEMESTRE/2016

EMENTA

Partindo de um dos mais recentes e estimulantes campos de reflexão em antropologia – *a antropologia da moral e da ética* – pretendemos nesta disciplina lançar pistas de reflexão e de pesquisas interdisciplinares em várias escalas, micro e macro. Nesse sentido, envolveremos os alunos em reflexões sobre *economias morais e imaginários* associados a vários problemas quentes da atualidade. A disciplina pretende discutir textos recentes sobre dimensões morais do Estado e da justiça, mas também da produção científica e tecnológica. Pretendemos desenvolver leituras e debates sobre processos de estruturação e de subjetivação do e no Estado e, também, das e nas suas variações tecnológicas e formas de vida social. Com enfoque em ensaios teóricos e estudos etnográficos, esta disciplina pretende promover uma formação ampla em ciências sociais, atravessada por problemas que estão na base da teoria social e humana. Assim, as aulas serão baseadas na leitura de textos recentes da antropologia e na sua relação com a filosofia e outras ciências sociais contemporâneas.

*Alertamos que ao nos focarmos em temas e estudos muito recentes a maior parte da literatura obrigatória e complementar será dada em inglês.

PROGRAMA

Aula 1: Apresentação do programa da disciplina, apresentação das professoras e dos alunos e discussão do modelo de avaliação.

Aula 2: A reflexão crítica acerca da *questão moral e ética na antropologia* abriu esta disciplina à necessidade de produzir um diálogo teórico válido e estimulante entre as humanidades, a filosofia e outras ciências do saber. Nesta aula será introduzido este debate recente.

Textos para discussão:

*Fassin, Didier, 2015, “Introduction: Toward a Critical Moral Anthropology”, in Didier Fassin (ed.), *A Companion to Moral Anthropology*, MA, Oxford: John Wiley & Sons: 1-17.



*Fassin, Didier, 2014, “Introduction: The moral question in Anthropology”, Fassin, Didier e Samuel Lézé (eds), *Moral Anthropology: A Critical Reader*, Oxon: Routledge: 1-12.

Fassin, Didier, 2014, “Can States be Moral? Preface”, in Didier Fassin (ed), *At the Heart of the State: The Moral World of Institutions*, London: Pluto Press: viii-ix.

Aulas 3: Nesta aula colocamos as seguintes questões: Como estudar aspectos morais associados a discursos e práticas científicas e tecnológicas? Que novos sujeitos éticos surgem na contemporaneidade?

Textos para discussão:

*Kleinman, Arthur, 2014, “Assessing the New Bioethics”, in Fassin, Didier e Samuel Lézé, 2014, *Moral Anthropology: A Critical Reader*, Oxon: Routledge: 256-264.

*Fischer, Michael, 2015, “Science”, in Didier Fassin (ed.), *A Companion to Moral Anthropology*, M, Oxford: John Wiley & Sons: 395-412.

Biehl, João, 2015, “Care and Disregard”, in Didier Fassin (ed.), *A Companion to Moral Anthropology*, M, Oxford: John Wiley & Sons: 242-263.

Aula 4: Nesta aula introduziremos os alunos em leituras fundamentais, clássicas e atuais, sobre economias morais: um conceito criado por historiadores e reconfigurado por antropólogos e sociólogos em estudos de violência, corrupção, ciência e outros. Qual a amplitude, as ambiguidades e os limites deste conceito?

Textos para discussão:

*Fassin, Didier e Samuel Lézé, 2014, *Moral Anthropology: A Critical Reader*, Oxon: Routledge.

Parte: “Moral Economies”, com excertos dos textos de EP Thompson, James Scott, Jean-Pierre O. de Sardan e Lorraine Daston: 201-222.

*Fassin, Didier, 2009, “Moral Economies Revisited”, *Annales Histoire Sciences Sociales*, 6, 64th year, Paris, EHESS: 1237-1266.

Fassin, Didier & Richard Rechtman, 2009, “Conclusion: The moral economy of trauma”, in Didier Fassin, *The Empire of Trauma. An Inquiry into the Condition of Victimhood*, Princeton & Oxford: Princeton University Press: 275-284.

Edelman, Marc, 2012, “E. P. Thompson and Moral Economies”, in Didier Fassin (ed.), *A Companion to Moral Anthropology*, MA, Oxford: John Wiley & Sons: 49-66.



Aula 5: Esta aula problematiza a noção de risco e demonstra como esta tem é uma ideia que varia de acordo com os contextos em que é utilizada. Qual o papel do Estado, dos campos da ciência e da tecnologia de risco? Quais os mecanismos de resignação e de resistência social ao Estado e à tecnologia?

Textos para discussão:

*Beck, Ulrich. 2011 [1986], *Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade*. São Paulo: Editora 34. (Capítulos a seleccionar).

*Nelkin, Dorothy, 1989, "Communicating Technological Risk: The social construction of risk perception". *Annual Review of Public Health* 10: 95-113.

Douglas, Mary; Wildavsky, Aaron, 2012 [1982], *Risco e cultura: Um ensaio sobre a seleção de riscos tecnológicos e ambientais*. Rio de Janeiro: Elsevier. (Capítulos a seleccionar).

Lianos, M. and M. Douglas 2000. "Dangerization and the end of deviance: the institutional environment", in D. Garland and R. Sparks (eds.), *Criminology and Social Theory*, Oxford, Oxford University Press: 103–26.

Aula 6: Nesta aula visamos discutir como a noção de economias morais chegou aos estudos de violência, de segurança e lei, propondo algumas conexões heurísticas e empíricas entre os diferentes campos da prática e da pesquisa antropológica, sociológica e até criminológica.

Textos para discussão:

*Hinton, Alexander, 2015, "Violence", in Didier Fassin (ed.), *A Companion to Moral Anthropology*, M, Oxford: John Wiley & Sons: 500-518.

*Greenhouse, Carol J., 2015, "Law", in Didier Fassin (ed.), *A Companion to Moral Anthropology*, M, Oxford: John Wiley & Sons: 432-448.

*Loader, Ian; Benjamin Gould & Angélica Thumala, 2014, "The moral economy of security", *Theoretical Criminology*, Vol. 18(4) 469–488.



Aula 7: Nesta aula pretendemos partir da seguinte afirmação: **O Estado que pune é o Estado que cuida. Do ponto de vista dos sujeitos, qual a moral do cuidado enquanto coisa pública e privada? Como veremos, alguns antropólogos e antropólogas têm demonstrado exactamente as dificuldades em definir o que é o real da vida humana.**

Textos para discussão:

*Das, Veena, 2014, *Affliction*, New York, Fordham University Press. (Capítulos a seleccionar).

Han, Clara, *Life in Debt: Times of Care and Violence in Neoliberal Chile*, Berkeley, LA, London, University of California Press. (Capítulos a seleccionar).

Aula 8: Nesta aula visamos comparar as posições de vários autores que têm estudado o Estado e as suas instituições de um ponto de vista antropológico. Ao considerarem vários aspectos morais envolvidos na vida social e das instituições, os antropólogos produzem textos críticos acerca da impossibilidade de definir *um* Estado isento e distante, coeso e consensual. De forma plural, os autores evidenciam a *illusio*, as máscaras, a fragmentação e estereótipos que regem o fazer do Estado.

Textos para discussão:

*Mitchell, Tymoathy, 2009, “Society, Economy, and the State Effect”, in Aradhana Sharma & Akhil Gupta, *The Anthropology of the State. A Reader*, MA, Oxford: Blackwell Publishing: 169-186.

*Ferguson, James, 2006, “Transnational Topographies of Power: Beyond the State and Civil Society”, in James Ferguson, *Global Shadows. Africa in the Neoliberal World Order*, Durham e London, Duke University Press: 89-112.

Brown, Wendy, 2009, “Finding the Man in the State”, in Aradhana Sharma & Akhil Gupta, *The Anthropology of the State. A Reader*, MA, Oxford: Blackwell Publishing: 187-210.

Herzfeld, Michael, 2005, “Apresentando a intimidade cultural”; “Novas reflexões sobre a geopolítica da intimidade cultural”; “A prática dos estereótipos”, in Michael Herzfeld, *Intimidade Cultural: Poética Social do Estado-Nação*, Lisboa: Edições 70: 15-62; 63-104; 259-270.

Allen, Lori, 2013, “Introduction”, *The Rise and Fall of Human Rights. Cynicism and Politics in Occupied Palestine*, Stanford, California, Stanford University Press: 1-33.



Aula 9: Nesta aula discute-se como o Estado e a ciência classificam todos os aspectos do cotidiano e como essas classificações sequer são contestadas e percebidas nesse mesmo cotidiano. Aqui a ciência é vista como prática, trabalho e organização em permanente interação com vários meios técnicos, sociais e pessoas.

Textos para discussão:

*Geoffrey C. Bowker and S. Leigh Star, 2000, *Sorting Things Out: Classification and Its Consequences*, Cambridge, MA: MIT Press (Capítulos a selecionar).

*Monica J. Casper (1998), *The Making of the Unborn Patient: A Social Anatomy of Fetal Surgery*. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press (Capítulo 4).

Aula 10: Podem os Estados ser morais? A partir de uma pesquisa coletiva sobre o Estado francês, pretendemos levar os alunos a pensar não só novas noções de Estado que possam estar ocorrendo em governos neoliberais como pensar agências e moralidades do Estado. As propostas teóricas sobre o Estado de autores da antropologia moral serão comparadas com as aproximações de sociólogos clássicos como Pierre Bourdieu. Esta aula pretende discutir o que há de novo e o que há de recorrente nas análises qualitativas sobre o Estado.

Textos para discussão:

*Fassin, Didier, “Governing Precarity”, in Didier Fassin (ed), *At the Heart of the State: The Moral World of Institutions*, London: Pluto Press: 1-14.

-----, “Maintaining Order: The Moral Justifications for Police Practices”, in Didier Fassin (ed), *At the Heart of the State: The Moral World of Institutions*, London: Pluto Press: 93-116.

Fisher, Nicolas, 2014, “Justice for Immigrants: The Work of Magistrates in Deportation Proceedings”, in Didier Fassin (ed), *At the Heart of the State: The Moral World of Institutions*, London: Pluto Press: 40-66.

*Bourdieu, Pierre, “Curso 13”+ “Curso 28”, *Sobre o Estado. Cursos no Collège de France (1989-1992)*, São Paulo, Companhia das Letras: 174-190; 421-440.



Aula 11: O Estado e a ciência não são mais, ou nunca foram, instâncias nacionais; elas são transnacionais e atravessadas por diversas temporalidades e influências coloniais, mesmo quando reinventadas em períodos pós-coloniais. Nesta aula discutimos ideias de passado e de futuro associados às práticas científicas.

Textos para discussão:

*Fujimura, Joan H. (2003), “Future Imaginaries: Genome Scientists as Socio- Cultural Entrepreneurs.” In A. Goodman, D. Heath, S. Lindee (eds.), *Genetic Nature/Culture: Anthropology and Science Beyond the Two Culture Divide*. Berkeley: University of California Press, pp. 176-199.

*Anderson, Warwick (2002), “Postcolonial technoscience.” *Social Studies of Science* 32: 643-58.

De Laet, Marianne & Annemarie Mol (2000), “The Zimbabwean bush pump: mechanics of a fluid technology,” *Social Studies of Science* 30: 225-63.

Adams, Vincanne (2002), “Randomized controlled crime: postcolonial sciences in alternative medicine research,” *Social Studies of Science* 32: 659-90.

Aula 12: Esta aula propõe pensar problemas críticos no Brasil urbano contemporâneo à luz de temas e teorias da antropologia moral. A gestão da morte e da vida, da ordem pública e do crime; da segurança local e segurança humana serão os aspectos centrais no debate a desenvolver na sala de aula.

Textos para discussão:

*Willis, Graham Denyer, 2015, *The Killing Consensus: Police, Organized Crime, and the Regulation of Life and Death in Urban Brazil*, California: University of California Press. (Capítulos a selecionar).

Feltran, Gabriel, 2011, *Fronteiras de tensão: política e violência nas periferias de São Paulo*. São Paulo: Editora da Unesp: CEM: CEBRAP. 2011 (Capítulo a escolher).

*Feltran, Gabriel, 2012, “Governo que produz crime, crime que produz governo: o dispositivo de gestão do homicídio em São Paulo (1992-2011)”. *Revista Brasileira de Segurança Pública*, v. 6, p. 232-255.

Acesso a partir de: <http://revista.forumseguranca.org.br/index.php/rbsp/article/view/118>

Hacking, Ian, 1999, “Weapons Research”, in Ian Hacking, *The Social Construction of What?*, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press: 163-185.

Amar, Paul, 2013, “Introduction: The Archipelago of New Security-State Uprisings”; “Policing the Perversions of Globalization in Rio de Janeiro and Cairo. Emerging Parastatal Security Regimes Confront Queer Globalisms” + “Operation Princess in Rio de



Janeiro...”, *The Security Archipelago. Human-Security States, Sexuality Politics, and the End of Neoliberalism*, Durham & London, Duke University Press: 1-38; 65-98; 172-199.

Aula 13: Qual o imaginário moral que os Estados ocidentais apresentam? A construção de determinados imaginários levam os Estados nacionais a criarem expectativas, ideias e projeções as quais são engendradas pela ciência e por relações de poder criadas para tal, como no caso os *experts* e outros especialistas. Nesta aula discutimos estes problemas.

Textos para discussão:

*Jasanoff, Sheila, 1987, "Contested Boundaries in Policy-Relevant Science". *Social Studies of Science* 17(2):195-230.

Jasanoff, Sheila, 1999, "STS and public policy: getting beyond deconstruction". *Science, Technology and Society* 4(1):59-72, 1999.

*Wynne, Brian, 2001, "Creating Public Alienation: Expert Cultures of Risk and Ethics on GMOs". *Science as Culture*, 10(4):445-481, 2001.

Guston, David & D. Sarewitz, 2002, "Real-time technology assessment". *Technology in Society* 24:93–109.

Aula 14: Qual o papel moral e crítico da antropologia e das ciências sociais no mundo? Ser cientista social é ser pesquisador fundamental ou aplicado; é ser militante ou neutro; é ser engajado ou imparcial? Quais os públicos e o dever público dos antropólogos e antropólogas no presente? Terminamos o curso discutindo aspectos morais associados ao *ethos* e prática profissional da antropologia em particular e das ciências sociais em geral.

*Fassin, Didier, "Why Anthropology Matters: On Anthropology and its Publics", *Cultural Anthropology*, Vol. 28, Issue 4: 621–646.

*Eriksen, Thomas H., 2015 (5th Ed), "Public Anthropology", in Thomas Eriksen, *Small Places, Large Issues. An Introduction to Social and Cultural Anthropology*, London: Pluto Press: 391-400.

Goldstein, Daniel M., 2010, "Security and the Culture Expert: Dilemmas of an Engaged Anthropology", *PoLAR: Political and Legal Anthropology Review*, Vol. 33, Number S1, pps. 126–142.

Herzfeld, Michael, "Rumo a um campo intermédio militante", in Herzfeld, Michael, 2005, in Michael Herzfeld, *Intimidade Cultural: Poética Social do Estado-Nação*, Lisboa: Edições 70: 271-286.



Aula 15: Conclusão e debate sobre possíveis aplicações e extensões do curso.

OBSERVAÇÃO: As anotações bibliográficas com * são de leitura obrigatória.

AVALIAÇÃO

Será feita em dois momentos do semestre.

Privilegia-se o trabalho de resenha crítica e/ou ensaio individual.

(A combinar com as professoras no início do semestre).

O horário de atendimento dos alunos será definido no início do semestre e em colaboração com o PAD.